



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

**Publicado originalmente em:** Texto mimeo gentilmente cedido pelos autores. 2004

## **DA OCUPAÇÃO DO CONJUNTO HABITACIONAL À PRODUÇÃO DO LUGAR: O CASO DO SETOR VILA NOVO HORIZONTE EM GOIÂNIA-GO**

OLIVERA, Karla Annyelly Teixeira de – UFG – [karlapetgeo@yahoo.com.br](mailto:karlapetgeo@yahoo.com.br)

GOMES, Karina Fernandes – UFG – [amor\\_etermogeo@yahoo.com.br](mailto:amor_etermogeo@yahoo.com.br)

LIMA, Leuter Cristina de – UFG – [leu@gyn.com.br](mailto:leu@gyn.com.br)

CASTRO, Selma Simões de – UFG - Orientadora

### **Introdução**

Este texto apresenta os resultados da pesquisa, realizada no ano letivo de 2004, vinculada à disciplina de Iniciação à Pesquisa em Geografia da UFG, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Selma Simões de Castro. Optamos pelo tema ocupação e transformação urbana em um setor de Goiânia construído a partir de um conjunto habitacional. O setor possuía todas as casas iguais, mas ao longo dos anos elas diferenciaram-se uma das outras e o bairro como um todo passou por transformações na paisagem.

A paisagem do Setor Vila Novo Horizonte foi construída a partir de um conjunto habitacional horizontal composto por 2,2 mil casas, para cerca de 7 mil moradores, localizado na região Sudoeste de Goiânia, há 30 anos atrás. No decorrer desses 30 anos o setor adquiriu equipamentos de infra-estrutura: esgoto; asfalto; Centro Integrado de Assistência Médica, clínicas médicas e odontológicas particulares, laboratórios; escolas das redes estadual, municipal e particular, cursos pré-vestibulares e de idiomas; um comércio diversificado: supermercados, papelarias, pets shop, farmácia, agência de viagens; correios, casas lotéricas e agências bancárias. A instalação destes equipamentos de infra-estrutura acarretou algumas reformas e adequações das casas e salas comerciais às necessidades destes equipamentos. As casas utilizadas como moradia também foram reformadas, reformas estas que vão desde a construção de um simples muro, até a mudança completa da arquitetura das casas.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

A pesquisa objetivou investigar o processo que levou à atual configuração paisagística do setor após 30 anos de sua ocupação pelos moradores. Com destaque para relação morador/setor, no intuito de evidenciar se há identificação deste para com o setor de forma a constituir um lugar geográfico.

Pressupostos teóricos e metodológicos A escala utilizada foi a intra-urbana, tratada por Cavalcanti (2000) como sendo a escala adequada para análise dos elementos da dinâmica interna da cidade, como a produção, a circulação e a moradia, sendo este último elemento aqui estudado.

Devido à importância concebida à paisagem como primeiro foco de análise, este estudo iniciou-se por meio da observação da paisagem do setor.

Para Santos (1994), a paisagem é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, formada de cores, movimentos, odores, sons. Não é dada para todo o sempre. é uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. É objeto de mudanças, ou seja, uma paisagem pode sofrer mudanças na sua forma física e/ou na função que exerce em um dado momento, pois cada ritmo corresponde a uma aparência. Santos (2004) acrescenta que, as formas da paisagem só podem realizar, no espaço, funções sociais, porque a sociedade, o homem, que anima estas formas espaciais, atribui-lhes um conteúdo uma vida. Logo, a paisagem se torna espaço, porque forma-conteúdo. O que diferencia paisagem de espaço é o fato da primeira resultar da materialização de um instante da sociedade, enquanto o segundo resulta do casamento da paisagem com a sociedade e é sempre um presente, um sistema de valores que se transforma permanentemente.

Carlos (1999) chama atenção para a mistificação e a coisificação presente nas formas, pois as relações sociais tendem a aparecer como relações entre coisas, pois além de a essência não se revelar imediatamente, pode se manifestar em algo que é o seu contrário. Logo, a autora destaca que a análise não deve limitar-se à aparência imediata das formas, devido à mistificação que estas possuem; a análise deve ser abrangente e procurar identificar a essência destas formas, ou seja, o conteúdo de acordo com Milton Santos.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

Devido a este fato, embora este estudo tenha se iniciado a partir da paisagem imediata constatada, procurou-se ir além do imediato na busca da essência, por isso colocou-se como objetivos investigar os agentes responsáveis pelas transformações pelas quais o setor havia passado, e ainda compreender a relação que o morador estabelece com o setor; considerou-se, também, que o setor faz parte de um todo.

Para tanto, torna-se importante tecer alguns esclarecimentos acerca do espaço urbano, bem como da noção de cidade e de conjuntos habitacionais e ainda alguns esclarecimentos sobre Goiânia e a localização do setor Vila Novo Horizonte nesta cidade.

Carlos (1994), após repensar a geografia urbana coloca que a geografia passa a explicar o processo de produção espacial a partir da produção-reprodução da vida humana, tendo o homem como sujeito desta produção em uma sociedade de classes, as quais são materializadas no espaço. O urbano é compreendido como um modo de produzir, de consumir, de pensar, de sentir, enfim um modo de vida. A cidade é pensada enquanto construção humana, produto histórico social, e aparece enquanto trabalho materializado, acumulado ao longo de uma série de gerações, a partir da relação da sociedade com a natureza, é condição e meio para que se institua relações sociais diversas. Sendo que a análise espacial da cidade revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, pois ao produzir sua vida a sociedade produz/reproduz um espaço enquanto prática sócio-espacial.

A cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, surge num período histórico determinado, década de 1930, com o Estado Novo, assim, os ideais de modernidade, desenvolvimento e progresso, constituíram o discurso de sua construção. Cidade símbolo da modernidade, propôs se desvincular do sistema “agrário-coronelista” presente no Estado. Entretanto, o projeto modernizador para sua criação não se refere à modernidade como um modo de vida, mas sim a um novo padrão de construção da cidade, com o modelo de urbanização progressista.

Portanto, desde o início, Goiânia já apresentava contradição entre o planejado e o vivido. Conforme Cavalcanti (2000) na década de 1940, Goiânia atingiu a população de 50 mil



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

habitantes para a qual foi planejada e, desde cedo, foi se configurando no movimento contraditório da racionalidade (a moderna e funcional) e das “contra-racionalidades dos excluídos”, tornando-a um espaço complexo segregador, com problemas estruturais de serviços básicos e de habitação. Na década de 1960, essa segregação da estrutura urbana de Goiânia, presente desde sua criação, aparece em dois processos: a verticalização e a horizontalização.

O processo de verticalização, financiado pelo BNH/SFH, ocorreu principalmente nos setores Central, Oeste, Marista e Sul. Promoveu as áreas destinadas à burguesia. Estudo realizado por Paula (2003), evidência os três últimos setores como o novo/atual centro da elite goianiense. As áreas destinadas às camadas populares resultaram do processo de horizontalização, principalmente, a partir de investimentos feitos pelo governo Federal, com base em projetos como: o BNH (Banco Nacional de Habitação) e o SFH (Sistema Financeiro Habitacional), para construção de conjuntos habitacionais[1] populares na periferia[2] da cidade.

Esta política habitacional do BNH surge durante o Governo militar para suceder a Fundação Casa Popular (FCP). Sobre este assunto ler os autores: Ribeiro e Azevedo (1985); Maricato (1997), Rodrigues (1994) e Costa (1998). O BNH possuía duas linhas de créditos, FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e Poupança compulsória e um agente específico, sem fins lucrativos, para cada segmento do mercado. Dentre os agentes cabe destacar, as Companhias habitacionais (COHABs) que podem ser estaduais ou municipais, destinadas a famílias com renda entre um e seis salários mínimos;

A Companhia Habitacional do Estado de Goiás (COHAB-GO), foi responsável pela construção de conjuntos habitacionais de nível popular na periferia de Goiânia, marcando o início de sua ocupação. A Vila redenção foi o primeiro conjunto e de grande porte, seguido de outros de médio e pequeno porte como a Vila União, o Novo Horizonte, o Vera Cruz e o Riviera. (Visconde,2002).

O Setor Vila Novo Horizonte oriundo do Conjunto Novo Horizonte surge em 1973, como bairro segregado, destinado à moradia de população de baixa renda, “ quando foi construído



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

passou uns três meses sem energia elétrica, o asfalto chegou mais tarde após uns cinco anos de construção, o esgoto e água foram aí instalados posteriormente, acarretando a destruição do asfalto” (depoimento de morador).

Durante as décadas de 1970 e 1980, o Estado, através da Lei 8.956, criou o Aglomerado Urbano de Goiânia, que na década de 1990 tornou-se na prática a Região Metropolitana de Goiânia, mantendo grande parte dos municípios que formavam o Aglomerado Urbano. A instituição deste aglomerado e posteriormente da região com sistema de transporte integrado, permitiu que a população de baixa renda residir nos municípios da região e trabalhar na metrópole. Ou seja, permitiu uma maior dispersão geográfica da população de baixa renda, mas com a concentração do trabalho em Goiânia.

Em relação a este tipo de espacialização, Carlos (1999) considera que a paisagem urbana metropolitana refletirá a segregação espacial de uma distribuição de renda estabelecida no processo de produção. Ressalta ainda que o choque é maior quando se observa às áreas da cidade destinadas à moradia, onde a paisagem urbana mostra as maiores diferenciações, evidenciando as contradições de classe. No que tange ao processo de segregação sócio-espacial da metrópole de Goiânia, Visconde (2002) destaca que ele é impulsionado por estratégias políticas, determinadas pelo sistema econômico, social e ideológico do governo.

No que diz respeito ao planejamento, Costa (1998), discute o papel do Estado enquanto representante dos capitalistas e propulsor do terror do planejamento, no qual grande parte dos cidadãos são alienados do processo de produção da cidade, que segue uma lógica que lhe é alheia. Os moradores dos conjuntos habitacionais são alienados da construção do mesmo, devido ao fato deste ter sido produzido pelo Estado de acordo com interesses alheios aos moradores, estes desta maneira não reconhecem o conjunto habitacional enquanto produto de seu trabalho. Contudo, a autora afirma que estes moradores reagem a esta racionalidade e lutam pela sua sobrevivência material e espiritual, pois ao produzir o espaço, apropria-se dele, transforma-o e constrói o lugar.



[www.observatoriogeografico.org.br](http://www.observatoriogeografico.org.br)

A partir destas colocações torna-se necessário dissertar sobre o conceito de lugar, devido à relevância que este dá ao espaço vivido e as práticas cotidianas.

Para Carlos (1996) o lugar é, a base da reprodução da vida é passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. Pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar, pois, as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos dias nos modos de uso. Ainda segundo Carlos (1996: 26) a produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar. O lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno. O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos.

Portanto, é pertinente conhecer os moradores e analisar as suas práticas cotidianas no Setor Vila Novo Horizonte. Para tanto, formulou-se questionários a partir de 04 grandes questões a saber: I- perfil do entrevistado, ou seja, quem é o morador?; II - vivência e prática do entrevistado no domicílio, ou seja, quais são as práticas do morador na casa que contribuem para modificação da paisagem e para a identificação do morador com a casa?; III- vivência e prática do entrevistado no setor, ou seja, quais são as práticas do morador no setor que contribuem para modificação da paisagem e para identificação do morador com o setor? e IV- percepção do entrevistado em relação a construção espacial tanto do setor quanto da cidade, ou seja, o morador compreende que ao realizar suas práticas cotidianas ele produz e (re)produz o espaço, ou seja, o lugar vivido? Estes questionários foram aplicados em 60 residências de maneira bem distribuída por todo o setor para melhor qualificar a amostra. Os resultados dos questionários foram tabulados e representados graficamente de modo a permitirem a identificação do perfil dos moradores e suas práticas.

### **Resultados e Discussões Caracterização do morador/habitante**

Dentre os 60 moradores entrevistados, a maioria (80%) são adultos e/ou idosos, sendo que nestas faixas etárias a maioria deles são casados, seguido pelo número de viúvos - com especial



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

destaque para as mulheres, e divorciados, mas que não moram sozinhos. Devido a este fato e a partir dos questionários, pode-se dizer que o setor é do tipo residencial familiar, sendo que a maior parte das famílias (48,33%) é formada por 4 e/ou 5 pessoas, seguida por famílias de 2 a 3 pessoas (41,66%), enquanto a menor parte das famílias é composta por uma só pessoa (1,66%); as famílias com mais de 5 pessoas(8,33%) são inexpressivas.

Quanto à escolarização dos moradores entrevistados, embora não se tenha constatado nenhum analfabeto e o 2º grau completo tenha sido o grau que mais apareceu (33,33%), este número é inexpressivo em relação ao todo que se apresenta mais ou menos homogêneo em todos os graus apresentados, com exceção para o 3º grau completo e incompleto, que apresenta o menor quantidade (9,99%). Acredita-se que estes resultados da escolarização estejam correlacionados com a idade dos moradores entrevistados, que em sua maioria estão acima de 31 anos de idade, e estudaram num período em que o 1º grau e/ou 2º eram necessários para o ingresso no mercado de trabalho. A renda foi inferida a partir do grau de escolarização, das profissões e de observações das características dos domicílios; acredita-se que a mesma deve ser em média de uns cinco salários mínimos, com variações para mais ou para menos.

Dentre os 60 moradores entrevistados nota-se que a maioria (46,66%) moram no setor há mais de 20 anos. Contudo, percebe-se também que a quantidade de moradores de 5 a 10 anos é quase inexpressiva (5%) em relação aos outros intervalos, enquanto que a quantidade de moradores no intervalo entre 1 e 5 anos é expressiva (18,33%) a mesma quantidade de moradores que possui o intervalo entre 10 e 20 anos (18,33%); sendo que a quantidade de moradores no intervalo de até um ano (11,66%) também é expressiva. Infere-se que nos ultimo 5 anos está ocorrendo uma migração significativa (30%) de moradores novos para o setor. Em síntese trata-se de um bairro de população de baixa renda, composta por unidades familiares de moradores antigos, portanto que acompanharam a construção do lugar.

### **Práticas dos moradores no domicílio**



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

Neste setor a casa própria predomina (78,33%) em relação as outras formas de moradia como aluguel (16,66%) e cedidos (5%). Na pergunta sobre como a casa foi adquirida a resposta de que foi pela COHAB-GO predomina (54%) em relação às outras como aquisição de direitos (22%), compra de terceiros (16%) e por fim via imobiliária (8%). Confirma-se, então, que este é um setor onde predomina a casa própria, devido à participação do Estado via a política habitacional do BNH sendo a COHAB-GO um dos representantes do BNH em Goiás, embora tenha ocorrido a migração de moradores novos para o setor, esta entrada não ocorreu em sua maioria via imobiliária, mas sim via aquisição de direitos e compra de terceiros. Logo cabe inferir que os agentes mais atuantes no setor são o Estado e os moradores.

Os dados evidenciaram que a casa original do conjunto habitacional possuía quatro cômodos, a área média dos lotes é de aproximadamente 241,6m<sup>2</sup>; e que embora a maior parte dos moradores ter afirmado gostar de suas casas quando foi adquirida, a maior parte destas casas foram reformadas, sem auxílio de arquitetos e engenheiros, e teve seu tamanho ampliado para 6 e mais cômodos, sendo a área média construída de aproximadamente 128 m<sup>2</sup>. Os domicílios são utilizados para uso residencial, a maior parte dos lotes possui apenas 01 casa, sendo que os moradores não mostraram interesse em vendê-la. Em síntese trata-se de um bairro residencial.

### **Práticas dos moradores no setor**

Em relação às atividades praticadas pelos moradores no setor, ao serem interrogados os entrevistados eram avisados de que as respostas deveriam contemplar todos da família residentes na casa. As atividades praticadas serão apresentadas em quantidade decrescente e são elas: freqüentar as feiras (20%) que ocorrem tanto durante o dia, quando são vendidos produtos alimentícios e durante a noite, quando é vendido produto artesanal, roupas, tortas e doces, apresentação de capoeira, brinquedos para criança entre outras atividades; seguida pelas igrejas (17,44%), tanto evangélicas quanto católicas; compras (17,02%), em geral de produtos alimentícios (mercearias, supermercados, açougue, frutaria, padaria), de roupas e outros artigos de armarinhos, de remédios, locação de fitas,





[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

bebidas nos botecos, pit-dogs; uso do posto de saúde (13,61%); estudo em escolas estaduais e municipais do setor (7,65%), acredita-se que este valor tenha sido tão baixo, devido à idade da população do setor; uso das praças (7,23%); trabalham no setor (6,38%); fazem cursos (2,97%) o único que apareceu foi o de informática; brincadeiras na rua (1,70%) e participam de atividades comunitárias (1,27%).

Morar no setor Vila Novo Horizonte foi considerado bom pela maioria dos moradores (58,33%), seguida por ótimo (33,33%) e por fim regular (8,32%). Estes dados se assemelham com os que se referem ao desenvolvimento do setor; a maioria dos entrevistados (73,33%) responderam que o setor está melhorando, seguido pelas respostas de que o setor está do mesmo jeito (15%) e que o setor está piorando (3,33%). Dentre as respostas que explicam porque é bom-ótimo morar no setor, destacam-se: “por que gosto do lugar”, “gosto dos vizinhos”, “por que tenho amigos”, “é tranquilo”, “por que já acostumei”, “tudo que precisa tem” – refere-se ao comércio - e “por que é perto do trabalho”. As explicações para melhoria do setor são: “chegou posto de saúde”, “asfalto”, “esgoto”, “água”, “comércio local desenvolveu”, “feiras”. Embora a maior parte dos moradores goste de morar no setor e que o setor está melhorando, as respostas explicativas dadas por gostar de morar no setor não se assemelham muito com as respostas explicativas para melhoria do setor; no primeiro caso dizem gostar do setor pelas amizades, vizinhos, tranquilidade, ter acostumado, poucos se referiram gostar do setor pela chegada de equipamentos de infra-estrutura, que são as respostas dadas quando perguntados sobre o desenvolvimento do setor, percebe-se então a importância dada à vida social. Contudo, as explicações em relação à não gostar do setor - considerar/ regular - se assemelham com as respostas dadas ao fato do setor está piorando, as respostas são: “falta segurança”, “violência”, “transporte coletivo”, “má conservação das praças”, “presença de malandros na praça durante a noite”, “música alta no vizinho”.

Os problemas do setor são melhor evidenciados quando os moradores foram interrogados especificamente em relação a esta questão, a falta de segurança foi o problema que mais se destacou (29,03%), seguido pela limpeza pública com destaque para cuidado com as praças



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

(16,12%); depois transporte coletivo (13,97%); problemas com o posto de saúde (9,67%); desemprego (6,45%) e finalmente problemas por falta de semáforos (1,07%).

Contudo, mesmo praticando as atividades citadas, reformando suas casas e conseqüentemente transformando a paisagem, sendo capaz de identificar os problemas e as melhorias do setor e se identificando com o mesmo, grande parte dos moradores (54,54%) responderam que não contribuem para a construção/formação do setor; dos que responderam (31,81%) que contribuem para construção/formação do setor, as respostas explicativas para esta construção com exceção destas, “somos transformadores do espaço em que vivemos”, “somos parte dele”, “moramos no setor”; as outras foram muito vagas: “por que, pago imposto”, resposta que mais apareceu, “junto lixo da calçada”. Percebe-se então que embora os moradores do setor Vila Novo Horizonte em suas práticas sócio-espaciais cotidianas produzam e (re)produzam o espaço, evidenciado na materialização da paisagem do setor como também na vida, no movimento e circulação de pessoas no setor, eles não sabem que são responsáveis por tal construção.

### **Considerações Finais**

Concluimos que o setor residencial Vila Novo Horizonte, localizado na região sudoeste de Goiânia-Go, foi construído pelas políticas habitacionais do governo Federal com apoio do governo Estadual, destinado a moradores de baixa renda e como tal permanece até o presente. Estes moradores ao se apropriarem de suas casas no setor, e conseqüentemente do setor, ao realizarem suas práticas cotidianas transformaram e deixaram sua marca na paisagem e no espaço deste setor, construindo o lugar que é o mundo do vivido. Contudo, os dados evidenciaram que os moradores não sabem que são responsáveis por estas transformações paisagísticas e pela construção do lugar vivido.

### **Referências**

CARLOS, Ana F. A. *Os caminhos da reflexão sobre cidade e urbano*. São Paulo: Edusp, 1994.



[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)

\_\_\_\_\_. *O lugar no/ do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1999. 4 ed.

CAVALCANTI, Lana S (og). *Geografia da cidade*. Goiânia: Alternativa, 2000.

COSTA, Carmem L. *A cidade e o cotidiano de seu morador*. Boletim Goiano de Geografia, 18(1): 1-24, jan.-dez. , 1998.

PAULA, Flávia M. de A. *Descentralização e Segregação sócio Espacial em Goiânia: uma análise da centralidade dos setores Bueno Oeste e Marista*. Goiânia, 2003. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio Ambientais, Universidade Federal de Goiás.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2004. 4 ed.

\_\_\_\_\_. *Técnica espaço tempo – globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

RIBEIRO, Luiz. C. Q.; AZEVEDO, Sérgio. *A Crise da Moradia nas grandes cidades: da questão da habitação à reforma urbana*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

RODRIGUES, Arlete. M. *Moradia nas cidades brasileiras*. São Paulo: Contexto, 1994. 5<sup>a</sup> ed.

VISCONDE, Maria Santana Xavier. *Um lugar na metrópole: o bairro Jardim das Oliveiras no município de Senador Canedo (GO)*. Goiânia, 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás.

[1] Os conjuntos habitacionais são conjuntos de casas semelhantes dispostas lado a lado horizontalmente, ou conjuntos de blocos de apartamentos verticais, destinados a população de baixa renda, entre 01 e 06 salários mínimos. São produzidos via Programa Governamental que financia a casa própria durante anos, haja visto que a habitação é a mercadoria mais cara dentre as mercadorias de consumo privado. Os conjuntos habitacionais surgem para suprir o déficit habitacional e normalmente são construídos na periferia das cidades.

[2] Aqui a periferia é entendida enquanto áreas na borda da mancha urbana, considerada como expansão da cidade.